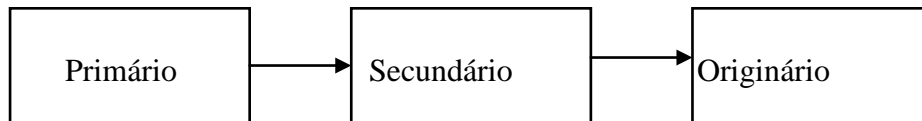


**ZIG/JAC: MAG**  
**Razão de um Percurso**  
Falatório 2013 – Seção 6  
**MD Magno**

Realizado no auditório da Universidade  
Candido Mendes Ipanema, 06 outubro 2013.

**40.** Continuo, então, ainda no aproveitamento do que trouxe da vez anterior sobre os **Cinco Impérios**, que se delineiam a partir da referência ao **Primário**, ao **Secundário** e ao **Originário**:



A psicanálise é um exercício perene de libertação, é uma ascese radical no sentido de **saúde geral** – *askesis*, em grego, é ‘exercício’ –, é caminho para cada vez maior disponibilidade no vetor que vai de Primário para Originário. Isto é, no sentido do **Creodo Antrópico** que lhes apresentei, o qual se repete na história sintomática de cada um. A psicanálise opera contra a massa recalcante do Revirão, do Originário. Nossa especificidade é o movimento do Originário, sendo que, dado o lugar onde ele compareceu – nesta nossa espécie supostamente advinda dos primatas –, há toda uma série de funções recalcantes que impedem esse movimento liberto e imediato do Originário. Mesmo porque,

se isso se movimentasse muito espontaneamente, ninguém sobreviveria. É, pois, o jogo entre a imbecilidade e a loucura.

O Revirão é o específico de nossa espécie. É ali que se origina nossa espécie especificamente. Digo assim para ser redundante. É ali que está o Originário de nossa espécie. A análise tem que ser permanente no sentido da substituição do que possa ser um recalque pelo **Juízo Foraclusivo** (*Urteilsverwerfung*). Destaco este conceito freudiano como sendo o tipo de operação que nossa espécie pode substituir pelos recalques. Então, se não fossem os recalques, seríamos completamente enlouquecidos, revirando aturdidamente. Os recalques seguram, dão configuração, mas também reprimem, empobrecem e atrapalham. Esse é o jogo. Freud criou o conceito de Juízo Foraclusivo para mostrar que não precisamos necessariamente de um recalque para funcionar. Se nos libertamos dos recalques e sabemos operar mentalmente bem, podemos fazer exclusões por *juízo*. Aí, não é que eu esteja sintomaticamente impossibilitado de tal ato, e sim que escolho embargá-lo em função da necessidade de operação do momento. Se a psicanálise conseguisse funcionar bastante bem, talvez conseguíssemos ir substituindo paulatinamente – e quanto mais, melhor – todos os nossos recalques por juízos. É o que chamamos “tomar consciência” dos recalques. Portanto, desrecalcá-los sem

ficar enlouquecidos, simplesmente podendo operar com juízo fazendo exclusões *ad hoc*.

Quanto mais o vetor é retrogressivo, quanto mais retarda e fica perto do Primário, maiores são a neurose, a estagnação e o empobrecimento de nossa situação. É estarmos mais pertos da constituição que é a dos animais. Por outro lado, quanto mais o vetor segue no sentido do Originário, tanto do ponto de vista histórico geral quanto do da história pessoal, maiores saúde – em latim, o nome da saúde é: **valetudo** –, riqueza, disposição e produção de **próteses** de elementos acrescentadores ao que a dita natureza nos oferece. Tudo que temos aqui diante de nós são próteses – a língua que falamos, por exemplo –, tudo é constituição nova porque temos o Originário. Então, quanto mais próximo dele, mais constituição poética, maior produção de próteses – de qualquer nível, de qualquer composição, que acrescentam e bem-dizem nosso poder de criação –, mais amplas e mais variadas as nossas opções culturais. Cultura é a produção de próteses.

**41.** Disse em nosso primeiro encontro aqui que **o paradigma da psicanálise é sexual**. Sempre foi, desde Freud – o que não é uma implicância com a sexualidade, e sim um paradigma de pensamento. Se **Haver deseja não-Haver** e não consegue, portanto há **Quebra de Simetria**, isto é: secção, partição e

impossibilidade. Sexualidade é isso, e não roça-roça de órgãos. É partição, primeiro, entre possível e impossível, e, segundo, entre diferentes. Como Freud, de começo, não tinha entendido com toda clareza essa partição, chamou-a *Castração*. É, pois, reconhecimento da diferença, do impossível, da limitação, etc.

Uma vez, então, que o paradigma da psicanálise é sexual, importa, sobretudo, entre as possíveis opções culturais – que são muitas, talvez infinitas –, entender e reconhecer as opções sexuais: nada melhor para entender a construtividade da operação psíquica do que entender a movimentação na sexualidade. No século XIX, Freud assustou um pouco as pessoas ao tratar quase que só da sexualidade. Assustou por isso mesmo, pois é ali que comparecem a nossa razão e a nossa desrazão. As opções sexuais se produzem em conformidade com o estado (não apenas sobredeterminado, mas) *hiperdeterminado* da espécie, isto é, em conformidade com a função criativa e curativa do Revirão para esclarecer um pouco. Somos demasiadamente sobredeterminados. Freud chamava de *sobredeterminação* o conjunto de formações que vão nos desenhando na vida, já que somos sobredeterminados por todos os elementos configurados de nossa história. Chamo de **HiperDeterminação** quando esses elementos são tratados pelo Revirão e dão um salto de existência e de significação. É esta HiperDeterminação que nos qualifica. Então, é em conformidade

com a função criativa e curativa da HiperDeterminação pelo Revirão que precisamos entender a sexualidade humana. Vamos agora tratar dos **sexos humanos**, se é que isso existe.

Diz Fernando Pessoa num poema curtinho: “O homem não é um animal, é uma carne inteligente, embora, às vezes, doente”. Ele está aí falando justamente da sexualidade. Temos o mau hábito de dizer que o homem é um animal isto ou aquilo, um animal racional, por exemplo... Se o Primário é constituído bioticamente parecido com os animais, a emergência do Revirão em nossa mente nos deslocou radicalmente da animalidade. Nada mais temos com animalidade alguma. Podemos, sim, ter a ver com certo modo de biótico. Por isso, diz ele que é uma carne inteligente, o que é muito bem pensado. Ora, quando Freud se debateu com as questões evidentes da sexuação e da sexualidade, pensou o *Édipo* como modelo de entendimento e de arrumação e pensou também as formas de *castração*. Ele estava vendo os bonecos biológicos e – como todos no século XIX e começo do XX – dividiu a espécie humana entre *homens* e *mulheres*. E até hoje pensamos que isto – homens e mulheres – existe. Houve mesmo um momento em que, no debate com as “mulheres” que não conseguiam entender porque seu programa era tão masculino, Freud repetiu que “a anatomia é o destino” – é uma frase de Napoleão Bonaparte (aliás, só podia ser de alguém como ele). Mas **a anatomia não é o destino**.

Como Freud encontrava no *infans*, nos bebês, nas primeiras idades – e, depois, às vezes, repetidas nos adultos com insistência, com persistência –, certas derivações da sexualidade diferentes do papai-mamãe que se pode supor entre *machos* e *fêmeas* – pois é isso que são, e não homens e mulheres –, criou a ideia boba de *perversão polimorfa*. Disse ele que “as crianças são perversas polimorfas”. Na verdade, **as crianças têm sexualidade polimorfa**, ou seja, elas conseguem gozar um pouquinho com qualquer parte do corpo. É mais ou menos assim. Isto porque ainda não compareceu o modelo cultural de repressão que quer enquadrá-las num determinado sistema de comportamento social. Então, dado que os comportamentos são evidentes, além de separar a espécie em homens e mulheres – que, como disse há pouco, na verdade são apenas machos e fêmeas –, ainda a separaram em *homossexual* e *heterossexual*. Tudo isto por referência ao Primário. Vejam que há lá um biótico, uma construção anatômica macho e fêmea, e chamaram os machos de homens e as fêmeas de mulheres, o que, como sabemos, não coincide muitas vezes. Mais tarde, Lacan dirá que há homens que são mulheres e mulheres que são homens. Como resolver o problema?

Também em função dessa anatomia evidente compareceram as conceituações de *homossexualidade* e *heterossexualidade*. Estão referidas estritamente ao Primário. Pensava-se que homossexual

era aquele que transa com o corpo que é igual do ponto de vista anatômico, e heterossexual, aquele que transa com o corpo que é diferente. O que Freud desenhou assim é perfeitamente congruente com protocolo teórico que ele tomou. É o que tinha naquele momento, e só podia dar nisso. Lacan, da metade do século XX para cá, resolveu enfrentar essa questão que não era bem resolvida. Como seu protocolo é da ordem do Secundário – lembrem que ele é um pensador de Terceiro Império, assim como Freud é mais de Segundo –, ele procurou apoio em relações formais, lógicas, linguísticas da mente para fazer alguma distinção da sexualidade. Então, escreveu algumas fórmulas pseudomatemáticas, chamadas por ele de *matemas*, que seriam as *fórmulas da sexuação* de nossa espécie. A uma fórmula chamou de *homem* e a outra, de *mulher*. É outro erro do século XX. Ele mesmo vai reconhecer que há homem que é mulher e que há mulher que é homem. Mas ele não está mais chamando assim diretamente em relação ao Primário. Não está nomeando o sexo de uma Pessoa pela anatomia, e sim pela articulação languageira do processo ainda de castração. Ele sai da ideia de Édipo, em Freud, e passa para uma formulação lógica de como a sexualidade se estabelece. Podemos, então, dizer com clareza que os sexos apontados por Lacan, os sexos de nossa espécie, já não são de referência obrigatória no Primário, e sim de referência *lógica*, secundária.

São duas fórmulas que posso resumir dizendo que ele tomou de Russell e Whitehead, e de outros matemáticos as ideias de constituição e de não constituição de totalidade. Assim, ao observar o que seriam as formas de a criança atravessar o processo de castração freudiano, ele dirá que as *mulheres*, diferentemente dos homens, funcionam de maneira incompleta. Isto é lógico, não é que elas sejam menores, e sim que preferem a incompletude em seu movimento sexual. Ao passo que os *homens* sempre preferem pensar de maneira completa. Ou seja, *os homens são estúpidos e as mulheres são doidas*. É mais ou menos assim. Ele desenhou homem e mulher dessa maneira. Fez isto, como disse, tomando o conceito de castração em Freud e reduzindo a uma perspectiva lógica e matemática. Então, no pensamento de Lacan, temos homens e mulheres, mas nunca se sabe se a anatomia corresponde mesmo. Ainda que a estatística pareça ou finja ser mais ou menos dividida pela anatomia, não é assim que funciona.

**42.** Aí aparece a questão do *comportamento sexual*, homo e hetero. Lacan diz que homo e hetero são definíveis pela referência ao *todo* e ao *não-todo*. O todo é masculino, o não-todo, feminino. Quando você é mesmo homem, tem forte tendência homossexual. Se totalizo, paratodizo, patotizo – a patota, o clube do Bolinha –, isto é uma posição lógica homossexual. Os homens têm tendência



lógica à referência totalitária, as mulheres seriam meio rompidas. Segundo aqueles que são mulheres – porque há gente que não tem pênis e não é mulher –, elas não totalizam nem totalitarizam. Então, diz ele num texto difícil e famoso: “Heterossexual por definição é aquele que ama – ou gosta, pois o verbo francês é *aimer* – as mulheres, qualquer que seja seu sexo próprio”. Até hoje não entendi se o sexo próprio é de um ou do outro, a frase é extremamente ambígua. Mas a definição de hetero é esta: quem ama as mulheres é heterossexual, o resto é tudo homo. Vejam que é gente à beça. Ou seja, há aqueles que preferem a incompletude, isto é, a heterossexualidade. Àqueles que preferem o fechamento e a completude, ele chama de homossexuais. Como disse há pouco, prefiro chamar de o *estúpido* e a *doída*. Quem tem experiência de vida entende isto. Aliás, também está num poema de Fernando Pessoa que só há a estupidez e a loucura. Façam jogo, escolham. Ou você cai numa, ou cai na outra. Ou, se não, passeia para lá e para cá: ora fica estúpido, ora louco. Pode-se mesmo fazer tudo isso.

Temos, então: vocação homo dos homens e hetero das mulheres. É só vocação. Além do mais – e este é outro raciocínio brilhante de Lacan –, se os dois sexos existentes se formulam distintamente assim, não há possibilidade de qualquer *relação* lógica entre eles: é impossível estabelecer logicamente uma relação

sexual. Ele diz que *a relação sexual não existe*. Ao falar de *relação sexual impossível*, está falando da transa erótica, sexual se quiserem, entre homens e mulheres, entre esses homens e essas mulheres lógicos que ele está definindo. Isto é, se homem e mulher se definem assim, não há relação possível entre eles. Então, segundo a psicanálise de Lacan, há esfregação, gozo, mas não há relação sexual. Como sabem, *relação* é coisa séria em matemática. É um mapeamento ponto a ponto: o que há por aqui corresponde ponto a ponto ao dali. Se um é de um jeito e outro de outro, não encaixa. Ou seja, nunca dá certo, percamos as esperanças. Todo esse raciocínio de Lacan é congruente com o protocolo teórico que escolheu. Não temos saída, construímos ou utilizamos um protocolo teórico e ele vai colocar as condições de pensamento que são possíveis dentro dele.

Há décadas, como não sabia mais o que fazer com as fórmulas de Lacan – que me pareciam uma contenção lógica dentro da efetividade dos comportamentos eróticos, etc. –, dado que meu protocolo teórico permitia pelo conceito de Revirão, resolvi fazer um conserto nelas. Não podiam ser apenas duas fórmulas. Se as fizer revirar – ou seja, procurar seus avessos –, elas serão quatro: cada uma tendo outro alelo, outra fórmula em Revirão. Então, ao revirar as duas fórmulas de Lacan, aparecem o **Sexo da Morte**, que não há, porque é impossível – a Morte não

funciona sexualmente –, e um sexo insistente, que chamo de **Sexo Resistente**, o qual é o lugar erótico de qualquer um, não importando a anatomia ou a posição lógica. Na sequência, chamei aqueles que Lacan chamara de homem e mulher de **Sexo Consistente** e **Sexo Inconsistente**. Acabemos, portanto, com esse negócio de homem e mulher na confusão com o Primário e com as roupagens com que as culturas vestem machos e fêmeas. O que temos são: um *sexo impossível*, que não funciona porque é o lugar da morte; e um *sexo genérico*, que é de qualquer um, pois é pura resistência e insistência do desejo. Desejo este que, como já mostrei, vai em direção a não-Haver, é pulsão de morte. E o Sexo Resistente ora funciona Consistentemente, ora Inconsistentemente. Ou, quando a pessoa é muito viciada, ela só funciona consistentemente ou só inconsistentemente.

Que Sexo tenho? O Sexo Resistente de todos nós, e modelos consistentes e inconsistentes. Isto, do ponto de vista lógico e gozoso, de gozos diferentes, de funcionamento sexual. Fiz, então, a reforma no pensamento de Lacan de jogar fora homem e mulher. Para qualquer pessoa, de qualquer sexo primário, sem exclusão de nenhuma das possibilidades e independentemente de homo ou hetero – posições que dependem da história das formações sintomáticas de cada um –, o que comparece são os modelos Consistente e Inconsistente. Seus movimentos, seus gostos, seus

trejeitos, suas maluquices eróticas, etc., dependem de sua história, de inúmeros acontecimentos, só que, do ponto de vista lógico, têm duas maneiras de funcionar: consistente ou inconsistentemente. Com a reformatação que fiz, entendemos que a sexualidade de cada um, além de depender desse movimento lógico que pode operar sobre o Primário, sobre os corpos, sobre as anatomias, é imediatamente subvertida pela ordem psíquica. **A ordem psíquica subverte as formações anatômicas.** Há, sim, ali, um penduricalho, mas o que faço com ele? Isto é outra história. Os animais sabem o que fazer, porque são animais. Felizmente, nós não sabemos. Tanto é que podemos produzir quilos de coisas diferentes disso. **A história sintomática de cada um,** na relação com os processamentos lógicos que se dão sobre o que aparece como anatomia de base – mas que é subvertido pelo Inconsciente – **, é que define o Sexo de cada um.**

O que é *hetero* e o que é *homo*, agora? Além de não sabermos o que é homem e o que é mulher – falarei melhor disto daqui a pouco –, se percorrermos os acontecimentos de mundo contemporâneo, os acontecimentos de sexo e de gênero, as configurações disso tudo, veremos que se perderam completamente as configurações. É claro que a maioria ainda vive dentro dos modelos antigos de aparência masculina ou feminina, que são determinações culturais. Mas isto está sendo borrado, os modelos

estão ficando efetivamente ambíguos. À primeira vista, nem mais sabemos que gênero tem uma pessoa – e mesmo que tire a roupa, frequentemente continuamos sem saber.

**43.** Melhor do que a reforma que tentei nas fórmulas quânticas da sexualidade, segundo Lacan, prefiro agora estabelecer alguma razão sobre a sexualidade em cima do **Creodo Antrópico**, que é configuracionalmente ao mesmo tempo da ordem da lógica e do sintoma.

Dadas as *referências imperiais* de que lhes falei, a cada passagem de um Império a outro, as configurações culturais mudam radicalmente em função da referência predominante, hegemônica, desse Império. Lembro que chamo o Primeiro Império de **Império d’Amãe**, pois a referência forte e hegemônica é o Primário: o boneco é doido, é acossado pelo Inconsciente, mas se agarra à estrutura primária para se definir como gente, como Pessoa. Isto passa para uma situação de Segundo Império, que é o **Império d’Opai**, entre o Primário e o Secundário. O boneco ainda fica partido nessa passagem para o Secundário, mas é quando nascem a ideia de Pai e as ideias que Lacan tentou desenvolver – e a elas se agarrar – de *Função Paterna* e *Metáfora Paterna*. Depois, vem o Terceiro Império, o **Império d’Ofilho**, que hegemoniza a referência direta no Secundário e aí já não podemos mais

considerar o Primário como determinante. Ele pode ser um ingrediente e pode ser inteiramente subvertido pela ordem do Secundário, pelas ordens simbólica, languageira, psíquica, se quiserem. O Terceiro Império, em nossa sociedade, é a cara do Cristianismo – e estamos agora em seus últimos estertores.

Começamos a entrar no Quarto Império, o **Império d'Oespírito**, que é extremamente difícil. A zorra mundial está evidente porque este é um Império que fica dividido entre o Simbólico e o Originário. O Simbólico são as decantações metafóricas, as construções imaginativas que colocamos no mundo. Por exemplo, as definições culturais de homem vestir-se assim e mulher assado, e de homem ser isso e mulher aquilo, são o Simbólico decantado. O Simbólico tem o *processo de simbolização*, que é dinâmico, e o que é *simbolizado*, que fica outra vez empastado como se fosse uma coisa do Primário. E nós caímos nessa armadilha que nos segura para termos uma referência qualquer. O Secundário, então, como chamo, torna-se não necessariamente um processo de metaforização, mas um bando de metáforas assentadas nas quais ficamos aprisionados de novo como se fôssemos *neo-animais*. Não somos mais animais, mas somos neo-animais de *espécies culturais*. São neo-animais, existentes neo-etológicos, que começam a se estranhar, a fazer guerra e dar porrada um no outro só porque um pensa assim e o outro assado,

um se veste assim, o outro assado, um se ajoelha e o outro levanta a bundinha para rezar. Fazem guerra por causa de diferenças metafóricas, ao invés de perceberem que apenas tal cultura se decantou de tal modo e outra de outro. Ela é verdadeira? Sim, mas a outra também. Qualquer uma vale, só que nenhuma é “a” certa. Se você gosta por aqui, vá por aqui, se gosta por ali, vá por ali. Desde Kant, ficou evidente que “gosto não se disputa”. Não vamos, portanto, ficar discutindo o gosto que está “certo”.

O que vai, então, acontecer se, como disse, a referência hegemônica passa do Secundário para o Originário e o Quarto Império é aquele que oscila entre a referência ao Secundário e a permanente subversão do Secundário, das instalações culturais pelo Originário? **Não se pode mais definir o sexo de ninguém.** Os sintomas estão aí. Se olharmos para uma plateia como esta aqui, veremos que nela deve ter alguns ambíguos, mas a maioria é mais ou menos desenhada porque continua dentro do sintoma do desenho. Entretanto, quanto a um ou outro, ficamos sem saber se é macho ou fêmea, homem ou mulher, qualquer troço desses. Já no tempo da referência hegemônica ao Secundário, que foi o caso de Lacan, precisávamos de artefatos lógicos para poder nomear – e mesmo assim ele ainda insistiu em chamar de *homem* e *mulher*, o que acho uma tolice em sua época, pois poderia ter dado outros nomes –, mas hoje temos um Quarto Império brotando

violentamente diante de nós, uma emergência forte, e as pessoas estão perdidas procurando onde se segurar. A maioria corre para trás. Donde o ressurgimento de religiões e de credices que vemos por aí. Mas não adianta porque ninguém segura rabo de foguete, vai queimar a mão. Se o movimento é esse, não dá mais para voltar. Dá até para parar, estacionar durante algum tempo, mas para trás não vai mais.

Talvez, então, nossa saída melhor seja ajudar o processo a *acelerar* para a frente. E, acelerando para lá, qual é o sexo de uma Pessoa? É uma plethora de informações, uma plethora de *Formações Sintomáticas*, de formações naturais, de formações culturais, etc., etc. Já dá para notar que, se fizerem uma viagem a uma cultura muito diferente, talvez fiquem algum tempo com dificuldade de saber qual é a diferença sexual, pois lá não temos aquela certa informação. O movimento exacerbado contemporâneo é produzido, sobretudo, pelas próteses binárias, como *internet*, etc., que estão nos fazendo ver coisas tão diferentes que ficamos perguntando qual é a verdadeira. Não há o verdadeiro, só diferenças. Não há *uma* diferença que seja a verdadeira. Portanto, ou aprendemos a dialogar ou a guerra vai durar séculos. Então, de novo, qual é o sexo de fulano? Não sei, só o conhecendo, se ele se deixar conhecer. Ele pode não querer se fazer conhecer. Psicanalista tem a vantagem de ficar anos ouvindo a pessoa e



acabar fazendo certa configuração de qual é seu sexo, com todos os seus comportamentos. Este desenho será absolutamente singular. **Não há duas pessoas com o mesmo sexo**, mesmo se considerarmos o Primário, algum troço que tenham lá no meio das pernas. Isto porque, depois, temos toda a parafernália do Secundário, o movimento do Originário, etc. Se tomarmos a carteira de identidade, leremos que o sexo é masculino, por exemplo. Primeiro, masculino não é sexo, é gênero, e, segundo, gênero também é uma questão de opção, depende do desenho que fazemos diante do espelho. Há pessoas que ficam tão confusas com seu sexo e/ou seu gênero que procuram a medicina para extirpar um órgão, implantar outro. Alguém poderia lhes dizer que não é preciso isto – mas, se quiserem fazer, não é proibido. Se há tecnologia adequada, tudo bem.

**O sexo de cada um é singular.** Singular mesmo! Não existem duas pessoas com o mesmo sexo. Quem tem um pouco de experiência de sexualidade e que já teve casos diversos, sabe muito bem que a cada vez foi um sexo diferente. Em 1992, fui chamado ao Centro Cultural Banco do Brasil para fazer parte de uma mesa sobre a obra de Pasolini. Nela estava um escritor bastante famoso, João Silvério Trevisan. Eu disse o que vou repetir agora e ele ficou bravo comigo. (Ele escrevera um livro bastante rodado, bastante vendido, sobre sexualidade “desviante”, intitulado *Devassos no*

*Paraíso*, em que incluía um poema meu. Depois que ficou zangado, tirou o poema da edição seguinte. Achei engraçado). Na mesa, estavam falando sobre a homossexualidade masculina, que seria o caso do cineasta. Em dado momento de minha fala, eu disse: “Acho (...) que Pasolini não é homossexual. Simplesmente, acho que a homossexualidade, a rigor, não existe”<sup>1</sup>. Perguntou ele então: “Eu não existo?” Respondi-lhe: “Você existe brilhantemente!” – o que não existe é a homossexualidade. Ele não engoliu esta. Dada a situação política das pessoas, elas seguram bandeiras com veemência e precisam dizer que existe sim, que é uma guerra, que têm que lutar... Está certo, política é política. Mas estou repetindo aqui hoje: **a homossexualidade, a rigor, não existe. Não existe porque é impossível.** O sexo não sendo definido apenas anatomicamente e sim como formação pessoal – dependendo, portanto, do Primário e do Secundário, bem como do Originário –, ninguém é do mesmo sexo que outra pessoa. Não estou falando de sexualidade, de comportamento. O sexo é absolutamente singular, é de cada um. E isto envolve tudo, Primário, Secundário e Originário.

Não adianta alguém ter tal ou qual *anatomia*, pois não é um bicho, um animal. Mesmo assim, há vários estudos sobre homossexualidade animal, que só podem considerar sua

---

<sup>1</sup> MAGNO, MD. Teorema do *Sexo Pasolini*. In: [1992] *Pedagogia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 149.

homossexualidade como desvio de comportamento, na base dos hormônios. Aqui nesta nossa espécie tem hormônio, tem loucura, poesia, música, dança, arquitetura, toda a loucura que usamos diariamente. Ninguém é do mesmo sexo de outra pessoa. **Ninguém é do meu sexo** – cada um pode dizer isto. Se quiser generalizar a afirmação de Lacan, posso dizer que *qualquer* relação sexual é impossível. Assim, **toda e qualquer transa** – que não é relação – **é heterossexual**. Isto, em congruência com o protocolo teórico que estou utilizando. Vejam, então, que a sexualidade, a multivocidade e multiversidade dos comportamentos de sexo e de gênero de hoje são um campo privilegiado para se observar e reconhecer a efetiva emergência atual do que estou chamando de Quarto Império. Não há lugar mais nítido para observar isto do que a pulverização da sexualidade. Digo mais, *a pulverização dos sexos*.

**44. ● P** – *Não somos animais porque eles não têm a hierarquia familiar, a mãe transa com o filho, o filho com a mãe... Não é essa coisa família na qual nascemos e somos criados. Os animais não têm a confusão, os seres humanos têm. Quanto à frase que ouvimos muito – “o cara tem a alma feminina” –, pelo que você disse, não é isso. Ele é singular, inteiro.*

Para dizer que o cara tem alma feminina, é preciso, primeiro, já termos definido “o” cara. Como sabemos que é “o” cara? A frase já está errada, pois estamos partindo de uma definição pré-conceitual. Não sabemos se ele é *cara*. Você diz que somos os usuários, os utentes, da ordem familiar. Temos, então, que fazer uma pergunta séria: a ordem familiar é natural e, portanto, capaz de propiciar uma antropologia de parentesco, como pensa o estruturalismo de Lévi-Strauss? Ou é um ideologema de momento que constituiu deste modo a configuração que chamamos de *família* e, portanto, a antropologia está enganada? Ou seja, temos esse *hábito*. O que está acontecendo com a ordem familiar é que ela está também se dissolvendo, pois há, hoje, vários tipos de família. Outra pergunta séria – que deve aterrorizar muita gente, sobretudo aqueles com *parti pris* moral, religioso ou algo do tipo – é: o que é a *interdição do incesto*? É um elemento natural que estruturou a passagem de natureza à cultura? Esta foi a resposta dada por Lévi-Strauss, mas não podemos mais engoli-la. Ele a deu por ter que definir natureza em oposição a cultura e para dizer que tinha um elemento pertencente a ambos os estágios, que é a passagem de uma para outra. Mas quem o mandou definir a natureza e a cultura assim? Não concordo com essa definição. Digo que **tudo é artifício**: a natureza é um **artifício espontâneo**, uma articulação espontânea; e a cultura é um **artifício industrial**,

acrescentado pelo homem ao artifício espontâneo. Cadê a passagem? É tudo a *mesma* articulação. Uma usina nuclear é tão natural quanto uma árvore.

Como será a família do futuro? Fatores ideológicos, sociais e religiosos meteram na cabeça das pessoas que o incesto é proibido. Isto, para que não houvesse transa sexual entre parentes próximos, sobretudo do filho com a mãe. O pai com a filha era algo mais leve em várias culturas; e o incesto entre irmãos era algo necessário para manutenção da alta casta (entre os faraós, por exemplo). Qual é a ideia de proibição do incesto no Segundo Império? A de produzir filhos para trás. Isto bagunça o coreto da administração do parentesco. Alguém tinha filho com sua mãe, este era ao mesmo tempo seu irmão e seu filho. Como é uma bagunça lógica, é onde entra Lévi-Strauss afirmando que a interdição do incesto *ordena a sociedade* enquanto parentesco ao fazer a coisa sempre caminhar para a frente em linha reta. Ora, com a proibição de *ter filhos* com parentes próximos entrava também a proibição *sexual*. Isto porque não tinham pílula, e pouco ou nada sabiam fazer para impedir a procriação. Mas como fica isto no momento em que a procriação pode ser governada? No momento histórico que vem aí, que já está vindo, em que a procriação pode ser governada, o que é o incesto? Esperemos para ver. Não será essa coisa da antropologia estrutural

ou de qualquer antropologia prévia que quisesse estabelecer a cultura sobre a sua interdição.

- P – *Interdição do incesto é um recalque secundário?*

Sim. Depende do Segundo Império. Foi uma maneira que conseguiram para entrar com a construção da cultura, da sociedade, com referência ao Primário e ao Secundário. Se funcionássemos como mero animal, poderia ser com a mãe mesmo, pois, aí, vai-se com o que está mais perto. Repito o que disse nas palestras anteriores, que os animais não têm a estrutura de reviramento. Quem a tem, deixa de ser animal e passa a ser um *ser perdido*. Os animais sabem tudo que devem ser, nós não sabemos. Nosso problema não é que a gente saiba, e sim que não sabe. Um cachorro cachorra, o gato gatorra, o boi boieja, o ser humano faz o quê? Não sabemos.

- P – *Quero entender melhor a diferença entre Secundário e Originário. O Secundário é o simbólico...*

...é toda produção languageira, é aparecer linguagem.

- P – *Não é a linguagem já decantada, estabelecida?*

Não. O *processo* de aparecer a linguagem também é secundário. O processo de criar é o Secundário comovido pelo Originário. A última psicanálise, de Lacan, ficou preocupada em referir-se à ordem languageira, pois só operamos nossas próteses, mesmo que seja para intervir no Primário – uma cirurgia, um

remédio, por exemplo –, com intermediação do Secundário. É *depois* que se cria um ideologema, um aparelho cultural, que ele fica empedrado e funcionando como uma neurose.

- P – *Então, o ato de criar é apenas do Originário?*

O ato de criar necessariamente passa pelo Secundário comovido pelo Originário. Sem mediação do Secundário não se consegue. Mas quando alguém ganha prêmio Nobel, ganha um prêmio de originalidade: pelo Originário conseguiu dar a volta no que nunca foi mexido. E, depois que ele dá a volta, necessariamente alguma coisa se decanta. Decanta *como* Secundário. Imediatamente, torna-se uma neura, isto é, começa a parecer como “natural”. Nossos hábitos culturais são neuróticos, não podem ser outra coisa. Se é um hábito, está decantado do mesmo modo como se constitui uma neurose. Falo a palavra neurose, mas vocês sabem que resolvi aboli-la e chamar de *Morfose Estacionária*. Uma neurose é constituída igual a uma construção cultural: estabeleceu, decantou, e a pessoa fica repetindo ali dentro sem conseguir sair. Pensem na dificuldade de aprender uma língua estrangeira. É difícil porque sua língua é constituída para você como uma neura, um sintoma pesado. É preciso aboli-la, colocá-la de lado, para entrar na língua do outro. O Originário apenas revira, revira, revira: produz HiperDeterminação em vez de só sobredeterminação.

● P – *Quando você fala em Quarto Império, não parece que vai surgir uma cultura nova?*

Você duvida de que já esteja emergindo uma cultura nova extremamente esquisita?

● P – *Então, quando houver a suspensão do recalque no caso da interdição do incesto, o que virá não será também a produção de um novo recalque?*

Sim. Mas um recalque pode ser mais brando do que outro, pois o caminho em direção ao Originário necessariamente produz libertação. Isto implica seu mundo ficar cada vez maior, você poder usar coisas daqui, dali... Quem está na neurose não consegue usar nada para a frente, não consegue sair daquela prisão, está amarrado. Ora, se, mediante os artifícios clínicos de uma análise, por exemplo, conseguirmos ir desmanchando as decantações sintomáticas de uma pessoa, ela poderá escolher. Ela não é maluca: ao se deparar com um bando de leões, vai se desviar e, se estiver diante de uma cachorrada, vai se comportar, pois podem morder. Isto é não ser o neurótico que ou nem vai chegar perto, já sai correndo, ou vai achar que pode passar incólume por entre esses animais. Uma coisa é ter escolha, outra, é estar aprisionado por nossos sintomas. Podemos escolher nos comportar bem, ter *juízos forclusivos*. Ao lidar com uma pessoa, é preciso cuidado, pois não sei quem ela é, nem sei qual é seu sexo por todas as aparências que



faça. Mas como tenho escolha, tenho disponibilidade de me comportar assim ou assado. Posso ser ator ou diplomata, que são os dois casos em que as pessoas têm necessidade de certa disponibilidade de figuração. O *ator*, enquanto conceito, deveria ser neutro, desempenhar qualquer papel. É claro que ele não consegue, pois tem suas configurações, mas quanto mais neutro, mais disponível, melhor ator será. Um *diplomata*, quanto mais cara de pau for, melhor lidará com os outros países. Na ordem dos negócios também, temos que nos reconfigurar para poder transar. Se não, não funciona.

O ganho que existe é o de desconfiguração, disponibilidade, acrescentamento, riqueza, possibilidade de nos movermos mais à vontade. O que o século XIX chamou de neurótico está no que digo de alguém morfoticamente estacionário: a pessoa não consegue sair do lugar. Tudo está definido nessa Morfose Estacionária: verde é verde, amarelo é amarelo... e se não for? Para ela, não pode. Se um matemático, como Lobachevsky, por exemplo, disser que dois mais dois não são quatro sempre, ela entrará em pânico. Tudo porque costuma só usar as quatro patas e não conseguir sair do lugar. Já o outro pode demonstrar que dois e dois não são quatro sempre porque depende da estruturação matemática do jogo.

45. Não fiquem assustados com o Quarto Império porque não é depressa, ele está entrando agora. As pessoas estão assustadas com o movimento – e é por isso que estou tentando inventar uma explicação, pelo menos para mim, e passando a vocês. O conflito dessa implantação está na cara, está evidente até com guerra mesmo. Como já disse aqui, faço a aposta de que o *conflito* demorará cinquenta anos e, depois que amainar, a *implantação* do Quarto Império tomará uns duzentos anos ainda. Isso vai durar milênios. Cada Império, às vezes, dura dois ou três milênios. Não faço a menor ideia do que acontecerá lá para a frente, só estou vendo até aqui. Para a frente é problema dos próximos pensadores, e não meu. O meu vai até aqui, já andei bastante.

● P – *O mundo está de cabeça para baixo mesmo. Em todo lugar tem um probleminha...*

Se estivesse só de cabeça para baixo, seria fácil. Já teríamos entendido que estava assim e virou assado. O problema é que não está com a cabeça em lugar algum. Não sabemos onde está a cabeça do mundo.

● P – *Tenho até saudades da Guerra Fria, quando sabíamos onde estava a bomba, quem estava espionando quem...*

Vejam por quais situações passamos: nossa Presidenta está investivando os Estados Unidos e o Canadá por bisbilhotarem sua

vida. Ela não sabia? E vamos declarar guerra aos EUA e ao Canadá?

- P – *Por que a tal família é o problema?*

É a neura mais frequente em nossa cultura. Todos nascemos dentro de uma neura onde a criança fica doida, não sabe como fazer e tem que aprender a ser neurótica para não ser expulsa de lá. Os que não aprendem são expulsos, são as ovelhas negras. Como a maioria é “esperta”, aprende, fica neurótica como a família. Há outros mais espertos ainda, que fingem estar na família, mas não estão. Família nasceu no Segundo Império, com o pai, o patriarcado... São muitos milênios, isso começou no Neolítico. Vejam que sintoma durável, que foi se tornando cada vez mais complexo, mais definido, mais detalhado. Só agora é que está se esfacelando.

- P – *A família não é produto da reprodução?*

Se fosse, cachorro teria família. Cachorro tem pedigree por interesse do dono. Entre eles, não há família. No Primeiro Império, chamamos apenas metaforicamente de família o que lá havia. Todos estavam é atrás da mãe. Tanto é que, no início, os antropólogos pensaram haver *Matriarcado*, mas o que havia era *Referência Materna*, não era nem mesmo sistema Matrilinear. Quando alguém do grupo se perguntava “quem sou eu?”, a

resposta era: “sou filho dela”. Eles nem sabiam que era o macho que fazia filho.

● P – *Uma amiga minha obteve esperma no laboratório e concebeu. Agora, a criança está perguntando quem é o pai.*

É um espermatozoide. O pai “real” é um espermatozoide.

● P – *Mas o que dizer para a criança, se todos têm um pai?*

“Acostume-se com o Quarto Império. Pai é um negócio que a gente adota. Trate de adotar um pai para você”. Esta é uma boa diferença definidora do Quarto Império. No Segundo e no Terceiro, os pais adotavam filhos. No Quarto, os filhos adotam pais.

● P – *As crianças adotadas também querem saber quem são os pais. Há alguma força aí?*

Nada tem a ver com alguma força que procura pai, e sim com o fato de elas estarem cercadas de gente dizendo que tem um pai assim e assado. Elas também querem, querem ser iguais. Se houvesse força que procura pai, os cachorros iriam rodar o mundo atrás do cachorrão do pai. Seria uma coisa biológica, mas não é. Na verdade, *todo pai é adotivo*. Mesmo que seja o pai que doou o espermatozoide, finalmente ele teve que adotar a criança, registrar como filho. Se não, como provar que ele é o pai. Hoje em dia, temos um jeitinho biotecnológico de provar, mas quantos milênios ficamos sem saber? Muitas vezes, o pai é o vizinho... Temos que

entender que são apenas ideologemas, sintomas, *produzidos*, de organização sociocultural. Suponho que, dentro de alguns séculos, cinco ou seis, esse negócio de família acabará.

- P – *Hoje, não tem mais pai que orienta. Temos o coach.*

Ou, se não, é o analista. Vai-se fazer o quê? Estão sem pai nem mãe. Aqueles que cultivam a estrutura antiga, que ainda tentam frear o mundo para ver se ele não acelera repentinamente, à medida que a coisa vai se dissolvendo, eles têm que se dissolver juntos. Vejam a crise atual da Igreja Católica Apostólica Romana. Desde o conclave anterior, cometeram o erro de escolher um Papa que não sabia lidar com o mundo contemporâneo. Isto a ponto de ele ter que pedir licença ou demissão, pois a pressão ficou muito grande. Aí colocaram aquele que deveria ter sido eleito desde o conclave anterior e que está recomeçando a fazer o que a Igreja *sempre* fez. Ela recusa, recusa, recusa e, quando não dá mais, ela ajeita. É uma sabedoria infinita, está durando dois milênios.

- P – *Anteriormente à formação chamada família, não haveria a necessidade neurótica de o ser humano andar em grupo?*

Não é neurótica, é roça-roça. É porque o roça-roça é bom.

- P – *Isto não ocorreu quando as pessoas deixaram de estar sozinhas e viram que, em grupo, conseguiam ficar protegidas?*

As pessoas nunca foram sozinhas, jamais aconteceu isto. Hoje, começa acontecer de as pessoas, *dentro da estrutura de grupo*, conseguirem certo recolhimento. Há, por exemplo, uma grande percentagem de pessoas que moram sozinhas em Nova York, que é uma cidade evoluída, mas elas só *moram* sozinhas, não *estão* sozinhas. Ninguém aguenta ser sozinho, mas, por outro lado, não é preciso estar necessariamente *em família*. Podemos, aliás, usar o nome família como metáfora: família, eu invento uma para mim. É justo o que está acontecendo na grande entrada de Quarto Império por que passamos: estão inventando famílias, dois homens e os filhos, duas mulheres e os filhos, três mulheres... Qualquer dia, faremos o arranjo que quisermos, será computacional. O que é uma família? Aquilo que conseguirmos computar como tal.

● P – *A paternidade é uma necessidade ontológica ou uma ficção cultural?*

É um esquema que foi inventado e que será útil enquanto for, é um ideologema como outro qualquer.

● P – *Você disse que a libertação da neurose é poder escolher...*

Sim.

● P – *...mas a libertação não estaria além da escolha?*

Aí vou preferir perguntar aos matemáticos. Não há a menor condição lógica, do ponto de vista matemático, de distinguir escolha de evento.

● P – *No parágrafo final de Totem e Tabu, Freud escreve que os neuróticos são, sobretudo, inibidos em sua ação, o pensamento substitui a ação, e termina citando Goethe que diz que “no princípio era a ação”.*

Só que estamos vivendo numa época em que podemos desafiar Freud, Goethe, ou qualquer um a mostrar a diferença entre pensamento e ação.

● P – *Todos os arcabouços psicanalíticos não poderão se constituir em camadas de couraças neurotizantes...*

Sem dúvida.

● P – *...que vão gerar um excesso de pensamento e justamente trair o que pede Freud quando diz que o neurótico está contaminado por pensamento e não age.*

Pensamento nunca é excessivo, pensamento é uma forma de ação como outra qualquer.

● P – *Mas Freud não está criticando o pensamento como excessivo em relação à ação?*

Ele está, mas podemos criticá-lo também.

● P – *E aí você discorda dele?*

Completamente, **o pensamento é uma modalidade de ação.**  
Contudo, não confundir *Pensamento* com repetição obsessiva de  
encucação.

08/OUT